

## RESENHA DO LIVRO "LUGAR DE FALA"

### REVIEW OF THE BOOK "LUGAR DE FALA"

**Lillien Santana da Silva Almeida** [lilliensantana@gmail.com]

*IFRJ – Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Mesquita – Pós-graduação em Educação e  
Divulgação Científica – Rua Paulo I, s/nº - Centro – Mesquita – RJ – Tel: 2795-2500*

#### RESUMO

Esta resenha do livro "Lugar de Fala", escrito por Djamila Ribeiro em 2019, faz parte da coleção "Femininos Plurais", coordenada por essa mesma autora. O livro tem como objetivo discutir diversas questões relacionadas ao feminismo negro e lugar de fala. Nele encontramos quatro capítulos, um anexo com notas, e referências, que permitem ao leitor conhecer a visão de diversas autoras negras sobre os temas. No primeiro capítulo, "Um pouco de história", a autora discorre sobre os aspectos históricos do feminismo negro. O segundo, "Mulher negra: o outro do outro", pontua a questão das lutas das mulheres, seu poder e direito à fala pela ótica das mulheres negras. É a partir do terceiro capítulo "O que é lugar de fala?" que Ribeiro inicia a discussão que define o título do livro. No quarto e último capítulo, "Todo mundo tem lugar de fala", a autora brevemente relaciona o conceito de lugar de fala à questão do prestígio ou desprestígio das classes sociais. E sugere que a apropriação do lugar de fala pelas pessoas pode ser um instrumento contra a discriminação e a opressão.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminismo negro; lugar de fala; racismo; visibilidade.

#### ABSTRACT

*This review of the book "Lugar de Fala", written by Djamila Ribeiro in 2019, is part of the collection "Feminismos Plurais", coordinated by the same author. The book aims to discuss several issues related to black feminism and place of speech. In the work, we can find four chapters, an appendix with notes, and references, which allow the reader to know the view of several black female authors about the themes. In the first chapter, "A little history", the author discusses historical aspects of black feminism. The second, "The other of the other", aims to discuss women's movements for power and the right for speech from black women's perspective. It is in the third chapter "What is a place of speech?" that the author begins the discussion that defines the book's title. In the fourth and last part, "Everyone has a place of speech", Ribeiro briefly associates the idea of place of speech to the issue of prestige or lack of prestige of the various social classes. And she suggests people's consciousness of their own place of speech may be a resource against discrimination and oppression.*

**KEYWORDS:** black feminism; place of speech; racism; visibility.

#### APRESENTAÇÃO

O livro faz parte da coleção "Feminismos Plurais", publicada pela Pólen livros, em 2019. A autora Djamila Ribeiro é mestre em Filosofia Política, com ênfase em teoria feminista, autora de alguns livros nessa temática e coordenadora desta coleção, da qual alguns autores negros

participam, sendo composta, até o momento, por sete livros. A coleção também aborda temas como racismo estrutural, lesbiandades, mulheres indígenas e caribenhas, entre outros, abordados, todos, com o objetivo de "romper a narrativa dominante" (RIBEIRO, 2019, p. 15).

O primeiro livro dessa coleção é "Lugar de Fala", escrito por Ribeiro. Em sua trajetória como feminista, a autora constatou a necessidade de textos nessas temáticas que considera poder contribuir para uma melhor compreensão dos temas e que pudesse alcançar um maior número de pessoas, ciente disso propôs que esses livros fossem vendidos a um preço acessível. O livro é composto por uma breve apresentação, quatro capítulos, um anexo com notas, e referências.

## VISÃO GERAL DA OBRA

Na primeira parte do livro a autora apresenta o objetivo da coleção "Feminismos Plurais", no qual esse livro resenhado faz parte, assim como o motivo para iniciar a coleção falando de feminismo negro. Aponta que "entendendo a linguagem como mecanismo de manutenção de poder, um dos objetivos da coleção é o compromisso com uma linguagem didática, atenta a um léxico que dê conta de pensar nossas produções e articulações políticas" (2019, p.14).

O primeiro capítulo, intitulado "Um pouco de história", aborda a trajetória de lutas das mulheres negras ao longo do tempo, a autora apresenta uma contextualização histórica antes de iniciar a discussão sobre lugar de fala. Para isso a autora traz a história de Sojourner Truth, que "nasceu em um cativo e foi abolicionista afro-americana, escritora e ativista" (2019, p.18). A autora cita o discurso feito por Truth na convenção de direitos da mulher em 1851, que se tornou conhecido mundialmente após ser registrado pela feminista Frances Gages em um grande compêndio, de sua autoria, com materiais sobre a luta das mulheres negras (2019, p. 19).

A autora aponta que o discurso de Truth, denominado "E eu não sou uma mulher?", trouxe para o século XIX uma grande questão a ser debatida. Era uma luta de muitas pautas, como identidade de gênero, orientação sexual e raça. Passado algum tempo o feminismo chegou à terceira onda, tendo como uma de suas grandes representantes Judith Butler, Ribeiro afirma que desde antes do período escravocrata a discussão sobre esses temas já acontecia, a grande questão é que essa discussão não era ouvida.

Ribeiro afirma que na primeira onda do feminismo temos como representante Truth, e na segunda onda, Bell Hooks, Audre Lorde, entre outras. A autora discorre sobre uma breve trajetória histórica das representantes do feminismo negro, trazendo como importante figura nos dias atuais o nome de Giovana Xavier que, segundo Ribeiro (2019, p.21), reivindica a prática feminista como sendo "negra". É possível perceber que em cada parágrafo Ribeiro recorre a teóricos para explicar o contexto histórico do feminismo. Menciona, também, Kilomba (2012), que considera importante a percepção da sociedade em relação às mulheres negras, e que discute o fato de a mulher negra estar simbolicamente sempre precisando ser legitimada pelo outro.

O segundo capítulo "Mulher negra: o outro do outro", aborda a percepção, a fala, saberes e produções pela ótica das mulheres negras. Ribeiro recorre a diversos autores para corroborar seu objetivo, entre eles a intelectual francesa Beauvoir, em sua perspectiva teórica com relação ao gênero e à forma como a mulher é retratada, sendo considerada o "outro". Recorre também a Grada Kilomba, (2012), que, conforme citado por Ribeiro em seus escritos (2019, p.39), sugere que outra forma como a mulher negra é vista é sendo "o outro do outro".

A autora cita Kilomba (2012), cuja visão considera importante para compreendermos a percepção da sociedade em relação às mulheres negras, que discute o fato da mulher negra ser "o *outro* e nunca si mesmo". Nessa perspectiva o homem branco se encontraria no topo

da "pirâmide social", logo depois a mulher branca, o homem negro e, por último, a mulher negra. Ribeiro discute alguns aspectos de pesquisas apresentadas nas quais as mulheres ganham menos que os homens. Ela questiona de que mulher se está falando, pois, em uma pesquisa mais aprofundada, é possível ver que a mulher negra se encontra na última posição, sendo assim a que é pior remunerada.

Segundo Ribeiro é a partir daí que se percebe que Kilomba se opõe ao pensamento de Beauvoir, pois esta estaria se referindo à mulher branca. Outra questão que a autora traz é a posição do homem negro na sociedade, "reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras" (2019, p.39). É necessário, então, pensar que homem é esse e em que lugar ele está, visto que na pirâmide social ele se encontra abaixo do homem branco e da mulher branca.

É preciso trazer notoriedade para essas questões para que se tornem visíveis. Para exemplificar a sua fala, Ribeiro menciona alguns dados sobre a esterilização forçada a que muitas mulheres negras eram submetidas na década de 1980 no Brasil (2019, p. 41). Graças à fala de muitas mulheres negras e denúncias, foi criada a comissão parlamentar de inquérito da esterilização. Trazer essas questões à tona possibilita um campo de discussão e a busca por direitos.

É somente a partir do terceiro capítulo, "O que é lugar de fala?", que a autora aprofunda a discussão que define o título do livro, recorrendo a teóricos para explicar o conceito. Ela aponta que "a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala" (2019, p.59). Ribeiro reforça a ideia da importância de discussões da pauta de feminismo negro como uma forma de dar visibilidade a essas mulheres. Um dado que aponta é a pequena participação e presença de mulheres negras em cargos na área de Comunicação.

Ribeiro esclarece que, a partir do momento em que uma luta é validada pela ótica da experiência de determinado grupo, isso pode invalidar o objetivo da discussão pois a experiência para cada um tem um significado diferente. Em suas palavras, "reduzir a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala somente às vivências seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala" (2019, p.67). Em um contexto geral, a autora aborda brevemente a situação dos transexuais negros, que quando são convidados para falar, é sempre sobre sua experiência e ponto de vista enquanto transexual, e nunca sobre a sua profissão e outros assuntos.

No último capítulo, "Todo mundo tem lugar de fala", a autora aborda brevemente os diversos lugares de fala e afirma "que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social" (2019, p.85). Também, pontua a importância de determinados grupos privilegiados se perceberem a partir desse lugar, sabendo a que lugar eles pertencem. O espaço virtual tem favorecido algumas pessoas a se perceberem como pertencente aos grupos de lutas sociais sem visibilidade, utilizando meios para divulgar e apresentar sua fala. Muitos têm tido visibilidade através das redes sociais, blogs e criação de vídeos.

## CONCLUSÃO

A obra tem objetivo e intenção muito importantes. Acredito que esse objetivo possa estar sendo atingido, apesar de o texto desde o início ser composto por inúmeras citações, o que em alguns momentos para iniciantes nesse tema, se torna uma leitura cansativa. O livro traz uma ótima proposta, entretanto para o público que adquire o livro querendo conhecer o conceito de lugar de fala, irá sentir falta de um aprofundamento nessa discussão, visto que a autora começa a escrever sobre lugar de fala a partir do terceiro capítulo, e o aborda brevemente no último capítulo.



A autora, em diversos momentos, recorre a teóricos reconhecidos por escritos no tema trabalhado. São referências de extrema importância para conhecermos os aspectos históricos e toda a luta social constituída até aqui, entretanto é possível perceber a ausência de autoras brasileiras na obra. Apesar disso, para aqueles que já se debruçam sobre o tema, o livro trará muitas contribuições, com a quantidade de autores aqui discutidos.

## REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/w3ZbQh>>.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala** / Djamila Ribeiro. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.